

FEBRABAN TECH 2026

Da experimentação à escala:

o que o evento ensina a qualquer
líder de tecnologia e dados



datum

MG info





Carta ao leitor

O setor financeiro brasileiro é, hoje, o laboratório mais avançado do país para uma pergunta que já chegou, ou está prestes a chegar, em qualquer área de tecnologia e dados: como sair da experimentação com inteligência artificial e transformá-la em resultado real, em escala, com governança e sem quebrar a confiança de quem depende do seu produto?

Neste material, na tentativa de responder a essa pergunta, buscamos por padrões replicáveis que apareceram em múltiplos painéis. O resultado você confere a seguir.

Boa leitura.

“

O Febraban Tech 2026 me deixou com a convicção que, no setor financeiro, o gargalo da IA saiu do modelo e foi para o dado.

Hiperpersonalização e agentes que executam ações só funcionam sobre informação confiável,

governada e em tempo real. E os bancos que escalam com segurança são os que definiram antes onde a decisão continua sendo humana.

Cássio Almeida, Technical Solutions
Advisor e Pre-sales na Datum

Sumário

Carta ao leitor	02
1. O tamanho do movimento	04
2. De assistentes a agentes: a virada arquitetural	06
3. Dados como pré-requisito, não acessório	09
4. Segurança e confiança por design (não por treinamento de usuário)	12
5. Da eficiência para a experiência: onde a IA realmente gera valor	15
6. O redesenho do trabalho: da execução para a orquestração	18
7. Governança como alicerce estratégico	21
8. Playbook: por onde começar	24
9. O que vem a seguir	26

01

O tamanho do movimento





Imagem: www.febrabantech.com

Antes de entrar nos temas, vale entender a escala do que está acontecendo.

O investimento em tecnologia do setor financeiro brasileiro já ultrapassa R\$ 50 bilhões por ano. Ou seja, um crescimento de 58% em cinco anos.

Além disso, a inteligência artificial deixou de ser uma linha orçamentária isolada para se tornar o eixo central dessa expansão. Cibersegurança aparece como prioridade unânime entre as instituições, o que já sinaliza que escalar IA e proteger a operação não são escolhas concorrentes.

Dois estudos internacionais publicados este ano confirmam que esse movimento não é uma peculiaridade brasileira nem bancária. O EY Chief Data Officer Study 2026, feito com líderes de dados e IA de 13 setores em quatro regiões do mundo, mostra que:

+80%

dos CDOs tiveram aumento de orçamento nos últimos 12 meses

86%

esperam mais crescimento no próximo ano.

O Deloitte Global Technology Leadership Study 2026, com 662 executivos de tecnologia (CIOs, CTOs, CISOs e CDAOs) de setores como varejo, indústria, saúde e energia mostra que **cibersegurança, conformidade regulatória e a transformação de dados para IA estão entre as três maiores prioridades declaradas.**

uma pressão que já existe em qualquer área de tecnologia. E, como os dois estudos internacionais também mostram, o dinheiro sozinho não resolve o problema. Ambos os levantamentos identificam um gap entre confiança declarada e capacidade real de execução. É essa lacuna que os próximos capítulos exploram.

Os dados significam que o volume de investimento que vemos no Febraban Tech é uma versão amplificada de

02

De assistentes a
agentes: a virada
arquitetural



Em 2025, a conversa sobre inteligência artificial no setor financeiro girava em torno de testar modelos isolados e construir casos de uso departamentais. Em 2026, fala-se em “agentes autônomos”, “fluxos ponta a ponta” e “negócios autônomos”. É uma diferença arquitetural.

Um assistente responde. Um agente age. Essa distinção, repetida de formas diferentes em praticamente todos os painéis acompanhados, é o fio condutor da transformação em curso. Felipe Marques, do BTG Pactual, disse que o avanço real acontece quando a IA deixa de apenas apoiar e passa a fazer, desde que com segurança. No Bradesco, o exemplo prático é uma solicitação de PIX. Hoje a assistente Bia orienta o cliente sobre como fazer a transferência e a evolução esperada é que ela entenda a intenção e execute a ação até o fim, sem necessidade de atendimento humano.

Essa virada já aparece em números concretos. No banco BV, agentes já respondem por cerca de 80% de uma jornada inteira de cobrança, mantendo consistência e persistência que superam a abordagem humana tradicional. Na Livel, a evolução para uma arquitetura agêntica sobre o Google Gemini Enterprise elevou a taxa de conversão de vitrines de produtos para 6,7%, concentrando 51% dos cliques de todas as vitrines em recomendações geradas por IA. Por lá, o próximo passo já é abrir uma “plataforma de agentes” para parceiros de negócio, saindo do consumo interno para a criação de um novo modelo de receita.



O ponto de atenção, levantado repetidamente pelos próprios executivos, é que essa virada não pode acontecer “de dentro para fora”. Ou seja, não se deve partir da tecnologia disponível para depois procurar onde aplicá-la. O caminho correto é o inverso. Primeiro, identificar o problema, entender o processo de ponta a ponta e só depois avaliar onde um agente efetivamente gera ganho de eficiência, escala ou experiência. Aplicar um agente sobre um processo antigo sem redesenhá-lo tende a limitar, ou até anular, o ganho real, como qualquer

arquiteto de sistemas já viu acontecer antes com automações mal planejadas. O Deloitte Global Technology Leadership Study, com respondentes majoritariamente fora do setor financeiro, projeta que mais da metade dos líderes de tecnologia espera impacto significativo ou transformador de agentes de IA até 2028. Contudo, o estudo aponta que o fator limitante não é a disponibilidade da tecnologia.

Os cinco maiores obstáculos citados por esses executivos, de qualquer setor, são:



**Governança e
supervisão (30%)**



**Integração com
sistemas legados
(26%)**



**escassez de talento
qualificado (24%),
segurança e
privacidade (23%)**



**Qualidade de
dado (21%)**

Nenhum desses obstáculos é sobre o modelo de IA em si.

A conclusão é que antes de perguntar “onde posso colocar um agente?”, pergunte “qual processo de ponta a ponta, se automatizado com autonomia real, mudaria o resultado do negócio?”. Parece óbvio, mas é exatamente a que a maioria das organizações ainda pula.

03

Dados como pré-requisito



Se existe um consenso entre todas as fontes deste material, é que nenhum ganho real de IA se sustenta sem dados bem resolvidos primeiro. E “bem resolvidos” não significa apenas “disponíveis”. Significa governados, com qualidade auditável e acesso democratizado.

O caso do PicPay ilustra isso de forma direta. A jornada de reestruturação da arquitetura de dados da empresa foi executada em quatro meses (diagnóstico, arquitetura, integração e produção com predição) e o resultado não foi apenas técnico.

Aproximadamente 90% de First Call Resolution, redução de repasses entre áreas e uma visão preditiva da jornada do cliente em tempo real.

A equipe resume sua filosofia em três eixos que funcionam como um checklist replicável para qualquer organização: governança, acesso facilitado e qualidade do dado. Governança, nesse contexto, é vista como o alicerce que viabiliza tudo o que vem depois.

A participação do Bradesco na palestra “Do piloto ao resultado: o caminho para IA em escala nos bancos” reforça o mesmo ponto de um ângulo diferente. **Escalar IA exige arquitetura, dados e governança, exatamente nessa ordem de prioridade, não a de sofisticação de modelo.** A arquitetura precisa ser desenhada para permitir a conexão com as melhores soluções disponíveis no mercado e, ao mesmo tempo, possibilitar a substituição daquelas que deixarem de fazer sentido. Em outras palavras, tratar IA como uma capacidade organizacional contínua.





Uma estatística do Boston Consulting Group, citada no painel **“O mindset da próxima onda da tecnologia bancária: quem decide?”**, coloca isso em perspectiva quantitativa.

Apenas 10% do sucesso de uma iniciativa de IA vem da escolha do melhor modelo. Outros 20% vêm da tecnologia e infraestrutura ao redor. Os 70% restantes dependem de mudança de comportamento, processos de negócio e capacitação de pessoas, o que nos leva, de novo, à conclusão de que dado e governança são a fundação, e o modelo de IA é apenas a ponta visível.

O EY Chief Data Officer Study 2026 chega à mesma conclusão de forma ainda mais direta, cruzando 13 setores. Os CDOs classificados como “top performers” tratam dado como um ativo mais estratégico do que a própria IA, investem mais pesadamente

em capacidades defensivas como governança e qualidade, e dedicam proporcionalmente mais capacidade de IA para cuidar dos próprios dados. O estudo afirma que, à medida que agentes de IA se tornam os principais consumidores dos dados corporativos, a qualidade, a estrutura e a acessibilidade desses dados passam a determinar se as iniciativas de IA entregam valor ou travam. A pesquisa também identifica que Governança & Qualidade é uma das dimensões que mais cresceu dentro dos times de dados nos últimos 12 meses, mais até do que Arquitetura e Plataformas.

Se sua organização está debatendo qual modelo de linguagem adotar antes de ter clareza sobre a qualidade, a governança e o acesso aos próprios dados, a conversa está começando pela ponta errada. Os dados globais são unânimes nisso.

04

Segurança e confiança por design



Radia Perlman, uma das arquitetas fundamentais das redes de computadores modernas, trouxe ao Febraban Tech uma provocação que deveria incomodar qualquer time de segurança digital, em qualquer setor: os engenheiros cometem um erro grave ao presumir que usuários comuns devem ser especialistas em segurança digital, capazes de inspecionar detalhes de DNS ou reconhecer um site fraudulento antes de digitar seus dados.

Ela mesma, uma das pessoas mais qualificadas do mundo para reconhecer uma fraude, foi vítima de phishing ao tentar renovar uma carteira de motorista online. Por conta disso, ela entende que em vez de exigir treinamento incessante do usuário, a engenharia de software deve desenhar sistemas robustos que absorvam o risco sem transferir a responsabilidade da segurança para quem está do outro lado da tela.

Esse princípio de “segurança por design” aparece, na prática, nos critérios que o Bradesco usa para definir a autonomia de agentes de IA. A instituição estrutura o gerenciamento de risco a partir do critério de reversibilidade do impacto. Atividades cujo erro pode ser corrigido sem prejuízo material, como classificar incorretamente um documento, podem ter maior margem de autonomia. Já processos cujos efeitos são imediatos e não passíveis de estorno, como uma ordem de venda na bolsa, exigem obrigatoriamente validação humana antes da execução final. É uma régua simples, replicável em qualquer setor que lide com decisões automatizadas de algum risco. Quanto mais difícil for desfazer o erro, mais perto do humano a decisão final precisa ficar.



A proliferação de agentes autônomos também está criando um desafio novo de identidade digital, que nenhuma instituição resolverá sozinha.

Quem é o cliente quando um agente autônomo age em nome dele?

A resposta é regular a delegação de autoridade: limites transacionais máximos, contextualização de alçada (o que exatamente o agente pode fazer) e rastreabilidade irretratável de cada decisão tomada. O setor já tem experiência recente com esse tipo de infraestrutura de confiança em escala (Pix e Open Finance), e a expectativa é que a colaboração setorial, via comissões da Febraban, seja o caminho para equacionar isso, já que nenhuma empresa resolve esse dilema isoladamente.

Vale registrar também um alerta de horizonte mais longo, mas com prazo de decisão já em curso: a transição para criptografia pós-quântica. Perlman explica que um computador quântico de grande escala representaria uma ameaça existencial à criptografia de chave pública que sustenta toda a internet atual. Bancos como o Bradesco já trabalham com o conceito de “cripto agilidade”, que é o mapeamento completo de todos os algoritmos e chaves em uso, varredura de segurança automatizada integrada à esteira de desenvolvimento, e bibliotecas criptográficas pós-quânticas homologadas internacionalmente.

Cibersegurança aparece como uma das três maiores prioridades declaradas por líderes de tecnologia de qualquer setor no estudo da Deloitte, com 77% dos executivos classificando “embutir cibersegurança e resiliência digital em toda a organização” como prioridade estratégica de grande importância em 2026.

Isso reforça que segurança é parte do mandato central de qualquer liderança de tecnologia, dentro ou fora do setor financeiro.

Líderes devem aplicar o teste da reversibilidade a qualquer decisão que estejam considerando automatizar. Se o erro é fácil de desfazer, autonomia é o caminho. Se não é, mantenha um humano no circuito, não importa quão sofisticado seja o modelo.

05

Da eficiência para
a experiência: onde
a IA realmente
gera valor



Existe uma progressão natural na maturidade de uso de IA, visível em praticamente todas as instituições acompanhadas no evento. Primeiro vem a automação de tarefas internas repetitivas, depois a geração de relatórios e insights para apoiar decisão, e só então a atuação direta na experiência do cliente e na geração de receita. Pular etapas dessa progressão, na tentativa de gerar receita com IA

antes de ter a base de eficiência interna resolvida, pode custar caro.

Os números da Livelu mostram o que acontece quando essa progressão é bem executada. A moderação automática de avaliações de clientes, sem custo de revisão manual, projeta um ganho de 5% na conversão de produtos.

240 mil

interações processadas por mês no saneamento de catálogo

22%

registros duplicados ou inválidos removidos

450h

horas operacionais liberadas por mês no atendimento ("Copilot do Atendente")

20%

de ganho de produtividade com 80% de adoção de IA

10 → 5 dias

redução de dez para cinco dias no ciclo completo de desenvolvimento de uma funcionalidade.

O Bradesco relata um salto ainda maior em produtividade de engenharia, com aumento de 300% na produtividade da "fábrica de tecnologia" nos últimos dois anos e meio, resultado de uma jornada de dez anos de investimento contínuo. É um lembrete importante de que os resultados mais impressionantes de 2026 são, quase sempre, a consequência de anos de trabalho de fundação.



Mas o ponto mais importante deste capítulo talvez não seja nenhum desses números, mas sim o gap entre eles. Tanto a Pesquisa Febraban quanto os dois estudos internacionais (EY e Deloitte) mostram a mesma lacuna: a maioria das organizações prioriza a IA, mas poucas realmente escalam seus casos de uso além do piloto.

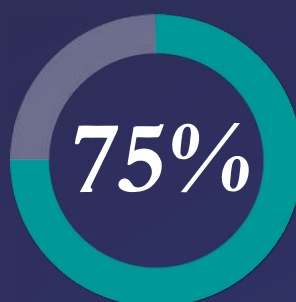
O EY Chief Data Officer Study chama esse fenômeno de “paradoxo da atenção”. Na prática, a dimensão de Estratégia é a mais madura entre todas as medidas na pesquisa, e ainda assim continua sendo a prioridade “número

um” declarada pelos líderes para os próximos 12 meses. Enquanto isso, Deployment & Usage (colocar a solução de fato em uso, em escala) é uma das dimensões menos maduras e uma das mais fortemente ligadas a performance real, mas aparece apenas em sexto lugar na lista de prioridades.

Os líderes estão investindo atenção onde se sentem menos confiantes, não onde o impacto seria maior. O estudo da Deloitte encontra o mesmo padrão sob outro ângulo.



dos executivos de tecnologia confiam na capacidade de implantar e governar IA em escala



concordam que o modelo operacional e os processos precisam mudar nos próximos 12-18 meses

Se sua empresa já definiu a estratégia de IA há meses e o número de casos de uso em produção real ainda é pequeno, o gargalo provavelmente está no “Deployment & Usage”.

Vale redirecionar atenção de liderança para esse ponto especificamente, mesmo que pareça menos estratégico do que revisar o roadmap de novo.



06

O redesenho
do trabalho: da
execução para a
orquestração



A fronteira entre trabalho humano e trabalho de máquina está se deslocando rápido, e o efeito mais visível, pelo menos até o momento, não é a eliminação de cargos, mas a reacomodação completa das atribuições existentes. Segundo Ana Carla Guimarães, da Robert Half, o mercado está abandonando a rigidez

das descrições de cargo tradicionais para valorizar profissionais por sua capacidade de adaptação, atitude e impacto prático, não pela repetição de rotinas estabelecidas.

Isso está criando perfis novos, direto do chão de fábrica da adoção de IA.

O “líder orquestrador”, alguém capaz de extrair o melhor de equipes humanas e aplicar senso crítico sobre entregas automatizadas, virou o perfil mais procurado tanto na base operacional quanto no nível executivo.

Na Matera, surgiu o “TokenOps”. Trata-se de um analista dedicado a governar o consumo financeiro de tokens de LLMs, porque falhas de prompt ou consultas mal calibradas podem gerar picos orçamentários indesejados, um problema real de FinOps que qualquer empresa usando IA em escala vai encontrar, independentemente do setor.

Há também um redesenho na experiência de entrada na carreira. Adriano Milan, do Citi, lembra que a jornada tradicional de um profissional júnior no setor financeiro consistia em 70% de atividades de baixíssimo valor (planilhas, reconciliações, edição manual de dados) e apenas 20-30% de entendimento de negócio. Com a automação absorvendo a parte mecânica, a expectativa mudou. Hoje, o tempo livre precisa ser usado para desenvolver visão sistêmica, lateralidade entre áreas e julgamento crítico. A carreira linear e vertical está dando lugar ao que os executivos

chamam de “carreira em espiral”, uma movimentação lateral entre áreas como parte formal da formação de liderança.

Esse otimismo, porém, vem acompanhado de um alerta acadêmico importante. A professora Ianara Neves, da FGV-EAESP, chama de “armadilha contábil arriscada” a prática de empresas que fazem layoffs concentrados em posições juniores para financiar investimento em IA. O efeito, segundo ela, aparece só depois. Em quatro a cinco anos, o mercado enfrentará uma escassez severa de profissionais seniores, porque a base que normalmente desenvolveria essa maturidade está sendo eliminada. Substituir a atuação operacional do profissional júnior por automação interrompe a transmissão de conhecimento tácito, aquele que só se adquire na vivência prática e que nenhum curso rápido de capacitação reconstrói.

Sobre como capacitar as pessoas que ficam, os modelos variam, mas convergem em um ponto: aprendizado embutido no fluxo de trabalho supera treinamento tradicional em sala. O Itaú Unibanco rodou um hackathon interno de IA dentro da própria área de RH. De 10 casos de uso testados, 7 foram promovidos direto para

produção. O Banco do Brasil treinou 24 mil funcionários voluntariamente em 2024 e já tem mais de 36 mil inscritos na trilha de IA generativa de 2026. A ACT Digital desenvolveu um agente interno de microlearning gamificado, no estilo Duolingo, para formar engenheiros de elite técnica sob demanda.

Por fim, um framework prático para times que já lidam com o desafio de medir produtividade em ambientes híbridos: **comparar o ROI de uma pessoa com o ROI de uma tecnologia, isoladamente, é uma prática injusta. A IA responde em minutos ao que levava horas, e seu custo é instantaneamente reversível, diferente da inércia de recolocar uma pessoa. A “metáfora da Fórmula 1” ilustra isso bem quando diz que não faz sentido avaliar o desempenho do piloto isolado do carro. Ambos fazem parte de uma engrenagem monitorada por um terceiro elemento essencial, o engenheiro de pista, que no ambiente corporativo equivale à função de orquestração e governança.**

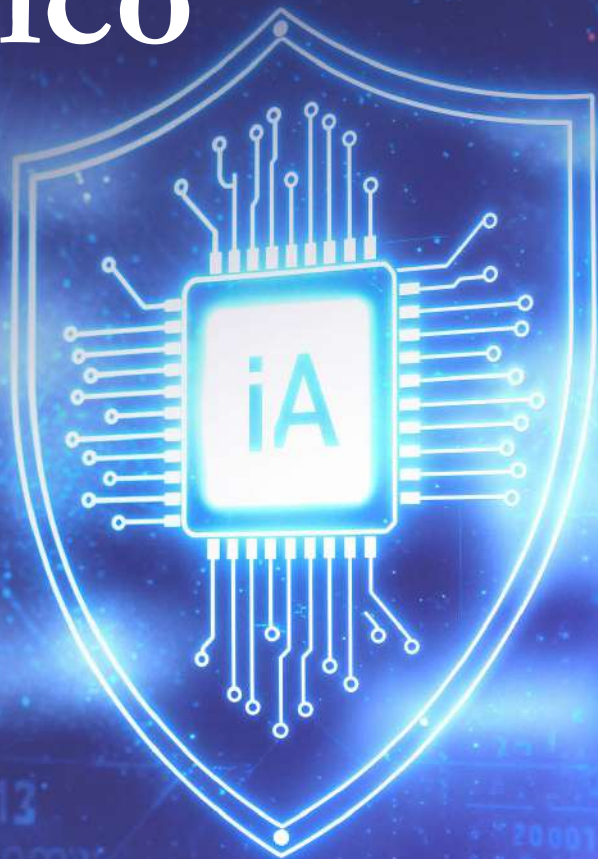
O Deloitte Global Technology Leadership Study mostra que a liderança de tecnologia está se pulverizando em qualquer setor. Das organizações pesquisadas, 71% já têm cinco ou mais cargos de C-level dedicados a tecnologia (CIO, CTO, CISO, CDAO, CAIO, entre outros). De acordo com o relatório, isso significa que o desafio não é mais controle, é coordenação. Orquestração entre lideranças virou uma competência central. É exatamente o mesmo “líder orquestrador” que aparece nos painéis bancários, só que em escala de C-suite inteiro.

Portanto, antes de cortar a base júnior do seu time para financiar a próxima licença de IA, pergunte quem vai desenvolver o julgamento sênior da sua equipe daqui a cinco anos. E se sua empresa está treinando IA “por fora” do fluxo de trabalho real das pessoas, vale revisitar o modelo. Os cases com melhor retorno aqui foram os que embutiram o aprendizado dentro do trabalho.



07

Governança como alicerce estratégico



Governança tem fama de ser a parte chata da conversa sobre IA, que trava, atrasa e complica. Os dados deste material contam uma história onde a governança bem desenhada é o que separa organizações que capturam valor das que apenas acumulam pilotos.

Um estudo da McKinsey, citado no painel “A pirâmide organizacional em transformação: pessoas vs. poder computacional” torna isso quantificável.

ALTO IMPACTO

Superam 5% de ganho de EBIT com IA. Só 6% do total analisado

65% dedicam foco real a governança e orquestração

BAIXO IMPACTO

Os outros 94% das empresas analisadas

23% fazem o mesmo

88% das corporações já usam IA em pelo menos um processo. A adoção é quase universal, mas sozinha não gera resultado financeiro sem governança ao lado.

Um erro recorrente, citado por mais de uma fonte, é medir produtividade de IA pelo indicador errado. Em algumas empresas, o KPI usado para bonificar equipes ainda é o volume bruto de consumo de tokens. Isso acaba gerando o efeito colateral óbvio de profissionais inflando artificialmente o uso da ferramenta com prompts sem valor só para bater a meta. A lição que fica é que a inteligência humana sempre encontra a rota mais fácil para um indicador mal desenhado, então o indicador precisa medir resultado de negócio, não atividade.

O framework mais replicável deste capítulo talvez seja pensar orçamento de IA em três linhas, não em duas. Tecnologia (hardware, cloud, licenças, consumo de tokens), Pessoas (contratação, remuneração, capacitação) e Orquestração/ Governança. Essa última foi descrita como “a linha de custo invisível” que define como humano e máquina cooperam, e que costuma ser a mais negligenciada pelas lideranças, justamente por não aparecer como um produto ou ferramenta tangível.

No nível operacional, a governança madura combina três mecanismos que apareceram repetidamente nos relatórios:



Guardrails bem definidos: limites estritos de atuação, estabelecidos por especialistas humanos antes de o agente entrar em produção;



Auditoria de decisão: capacidade de reconstruir o porquê um agente decidiu algo, essencial tanto para conformidade quanto para melhorar o modelo;



Escalação humana automática: quando o agente atinge os limites de sua autorização ou encontra um cenário desconhecido.

Nenhum desses três elementos depende de o modelo de IA ser mais avançado, mas dependem de decisão organizacional. O Deloitte Global Technology Leadership Study identifica governança e supervisão como a maior barreira única para implementar agentes de IA em escala, à frente de integração com sistemas legados, escassez de talento, segurança e qualidade de dado.

Esse resultado foi consistente mesmo entre setores distintos quanto consumo, energia, ciências da vida e tecnologia. O estudo da EY reforça pelo lado organizacional. Entre todas as dimensões de maturidade medidas, “Organização & Papéis” (clareza de quem decide o quê) é a que mais se correlaciona com performance geral, mais até do que métricas de ROI. Clareza estrutural, segundo a pesquisa, “define um teto, mas é a performance de quem lidera que determina se a organização realmente o alcança”.

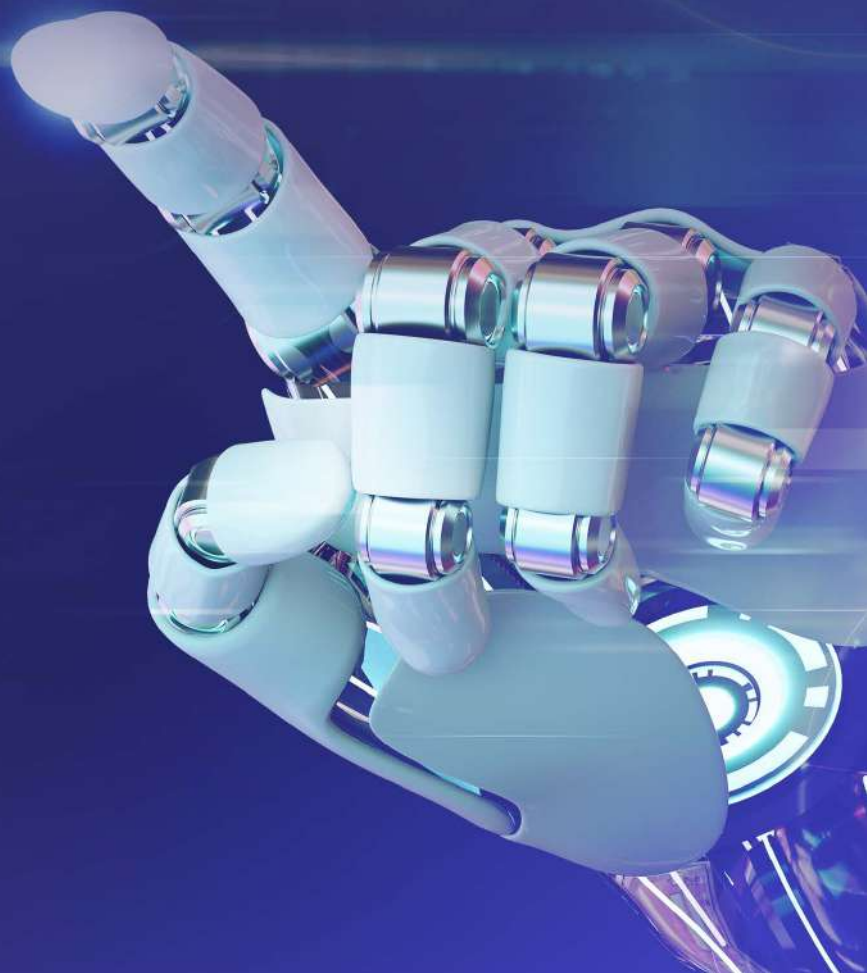
Se o orçamento de IA da sua empresa tem uma linha para tecnologia e uma para pessoas, mas nenhuma linha nomeada para orquestração e governança, esse é provavelmente o motivo pelo qual os pilotos não viram escala.



Imagem: www.febrabantech.com

08

Playbook: por
onde começar



Cruzando os seis capítulos anteriores, alguns passos práticos se repetem com força suficiente para funcionar como ponto de partida em qualquer setor:

01 Resolva o problema antes de escolher a tecnologia.
Não parta do agente de IA disponível para procurar onde aplicá-lo. Mapeie o processo de ponta a ponta primeiro.

02 rate dados como pré-requisito, não como projeto paralelo.
Governança, qualidade e acesso democratizado precisam estar resolvidos, ou em resolução ativa, antes de esperar retorno consistente de qualquer iniciativa de IA.

03 Aplique o teste da reversibilidade a cada novo caso de uso.
Erros fáceis de desfazer podem ter mais autonomia. Erros irreversíveis exigem humano no circuito, sempre.

04 Orce em três linhas, não em duas.
Tecnologia, Pessoas e Orquestração/Governança. A terceira linha é a que mais determina se as outras duas geram retorno financeiro real.

05 Redirecione atenção de liderança para “Deployment & Usage”.
É onde a maioria das organizações está mais fraca e é onde o maior gap de performance está concentrado.

06 Proteja a base júnior do seu time.
Cortar entrada de talento para financiar tecnologia economiza no curto prazo e custa caro em cinco anos..

07 Meça resultado de negócio, nunca atividade de IA.
Volume de uso, tokens consumidos ou número de pilotos lançados não são proxies confiáveis de valor gerado.

09 *O que vem a seguir*

Alguns temas ainda estão no início da curva, mas já apareceram com força suficiente no Febraban Tech 2026 para merecerem espaço no radar de qualquer líder de tecnologia e dados.

Um deles é a corrida silenciosa pela criptografia pós-quântica, que exige ação preventiva anos antes de o risco se materializar;

Outro é a questão ainda não resolvida de identidade e autoridade de agentes autônomos agindo em nome de humanos, um problema que vai muito além do setor financeiro assim que qualquer produto digital começar a delegar ações reais a um agente;

O terceiro é a consolidação de uma nova função de liderança, batizada por alguns executivos de “o Comandante”. Trata-se do profissional responsável por orquestrar, com responsabilidade final, a convivência entre força de trabalho humana e agêntica.

Nenhum desses temas está resolvido hoje. Mas, como este material tentou mostrar do início ao fim, quem espera a solução ficar pronta para começar a se preparar normalmente chega depois de quem já está testando, com governança, em produção.

Palavra do CEO

“O Febraban Tech 2026 reforçou a percepção de que a inteligência artificial já entrou na estratégia de bancos e empresas de diversos outros setores. Agora, precisa entrar na operação. Nesse cenário, Datum e MG Info são os elos que conectam dados confiáveis e governados, modernização e engenharia de software para levar casos de uso à produção com segurança, velocidade e resultado para o negócio.”



Alexandre Zanetti, CEO da
Datum e da MG Info.



 datumit.com

 mginfo.com.br

 [datumti](https://www.linkedin.com/company/datumti)

 [mginfo](https://www.linkedin.com/company/mginfo)